

DRONES, CIBORGUES E *FLAME WAR*: A FORMAÇÃO DA SENSIBILIDADE NA CULTURA DIGITAL CONTEMPORÂNEA

*Drones, cyborgs and flame war: the formation of sensibility
in a contemporary digital culture*

*Drones, ciborgues y flame war: la formación de la sensibili-
dad en la cultura digital contemporánea*

RESUMO Este ensaio foi escrito com o objetivo de estabelecer algumas aproximações entre as formas de violência e agressividade vivenciadas nas redes sociais e o novo tipo de violência própria ao drone como arma de guerra. Os dois casos escolhidos para este texto foram juxtapostos como duas formas de experiências que permitem tecer interpretações e propiciar reflexões sobre a relação entre violência e tecnologia a partir da estrutura técnica do dispositivo. Para isso, utilizamos o trabalho de Grégoire Chamayou a respeito da filosofia do drone (publicado em 2013) e algumas pesquisas científicas realizadas a partir do final dos anos 90 no campo da psicologia social e da comunicação acerca das situações de estresse na comunicação mediada por computador. As ideias que serão apresentadas neste ensaio fazem parte do conjunto de debates e interesses de pesquisa que começou a ser construída há pelo menos quatro anos desenvolvida com a rede Nexos de Pesquisa, assim como divulgar algumas hipóteses de pesquisa no campo da Teoria crítica da tecnologia.

PALAVRAS-CHAVE: TEORIA CRÍTICA. TECNOLOGIA. DRONES. REDES SOCIAIS. HERBERT MARCUSE. DONNA HARAWAY.

ABSTRACT This essay was written with the aim of establishing some approximations between the forms of violence and aggressiveness experienced in social networks and the new type of violence proper to the drone as a weapon of war. The two cases chosen for this text were juxtaposed as two forms of experiences that allow us to interpret and provide some reflections on the relationship between violence and technology based on the technical structure of the device. For this, we use the work of Grégoire Chamayou about philosophy of the drone (published in 2013) and the scientific researches conducted from the late 90s in the field of social psychology and communication on stress situations in computer mediated communication. The ideas that will be presented in this essay are part of the set of debates and interests of a research network Nexos Research Network and to divulge

MARILIA MELLO PISANI¹

¹Universidade Federal do ABC
(UFABC), São Bernardo do
Campo/SP - Brasil

some hypothesis of research in the field of Critical Theory of technology.

KEY-WORDS: CRITICAL THEORY. TECHNOLOGY. DRONES. SOCIAL NETWORKS. HERBERT MARCUSE. DONNA HARAWAY.

RESUMEN Este ensayo fue escrito con el fin de establecer algunos vínculos entre las formas de violencia y agresión con las experiencia en redes sociales y el nuevo tipo de violencia criada con el *drone* como arma de guerra. Los dos casos elegidos para este texto se yuxtaponen como dos formas de experiencias que nos permiten realizar interpretaciones y ofrecer algunas reflexiones sobre la relación entre la violencia, la tecnología y la estructura técnica del dispositivo. Para ello, se utilizó el trabajo de Grégoire Chamayou acerca de la filosofía del *drone* (publicado en 2013) y algunas investigaciones científica llevadas a cabo desde el final de los años 90, en el campo de la psicología social y la comunicación en situaciones, sobre el estrés en la comunicación mediada por ordenador. Las ideas que se presentan en este texto hacen parte de una serie de debates ocurridos con la red de investigación Nexos, que comenzó a construirse hay al menos cuatro años. Espero con eso poder contribuir para la expansión de la investigación de la red de investigación, y además revelar algunas hipótesis de investigación en el campo de la teoría crítica de la tecnología.

PALAVRAS CLAVE: TEORIA CRÍTICA. TECNOLOGÍA. DRONES. REDES SOCIALES. HERBERT MARCUSE. DONNA HARAWAY.

INTRODUÇÃO

Este ensaio foi apresentado no Primeiro Encontro da Rede Nexos: teoria crítica e pesquisa interdisciplinar – “as vicissitudes da experiência no mundo digital”, ocorrido em novembro de 2016, na Universidade Federal do Ceará, na cidade de Sobral. Os trabalhos exibidos no evento trouxeram diferentes aspectos do que seriam pesquisas a respeito dessa temática. Em minha apresentação, procurei estabelecer algumas aproximações entre a forma de agressividade nas redes sociais e a forma da violência dos drones como dispositivo de uma guerra em redes. As hipóteses e possíveis articulações foram desenvolvidas aqui de modo ensaísta, quer dizer, não se pretende com este texto produzir uma teoria consistente e acabada sobre esse tema, muito menos deixar à mão conceitos e metodologias cientificamente testados. O caráter de abertura, de aproximação, de testar justa-

posições de experiência diferentes constitui o próprio movimento do texto. Estas reflexões, ainda que soltas, só foram possíveis a partir de uma rede conceitual que está presente, mesmo que nem sempre explicitada. Chamo a atenção especialmente para a contribuição dos trabalhos de Herbert Marcuse acerca da tecnologia, que entram decisivamente na formação das hipóteses fundamentais.

Penso que, de antemão, a hipótese mais básica deste ensaio é aquela que aproxima o aparato técnico ou instrumento tecnológico de certa antropologia. Uso esse termo menos como teoria científica das diversas culturas, mas como herança mesma dessa história do conceito, como cultura. Nesse sentido, as mudanças tecnológicas transformariam o meio, ao mesmo tempo em que transformariam também os valores, os afetos, as formas de julgamento sobre as quais os sujeitos, as pessoas se constituem e se relacionam. Uma

antropologia das tecnologias digitais e em redes seria, ao fim e ao cabo, o contexto em que este ensaio se dá. Um segundo elemento importante dessa ideia é o caráter de mudança e de transformação histórica que o novo contexto tecnológico apresenta.

O ensaio se move da apresentação de alguns aspectos mais gerais sobre os drones como dispositivo tecnológico usado na guerra para derivar daí alguns aspectos mais específicos acerca de suas implicações culturais e subjetivas. Dada a dificuldade de narrar uma experiência atual, a estratégia foi articular casos variados – uma cena de um ataque de drones; um *game* instalação criado por um grupo de artistas engajados; uma videoarte instalação criada pelo artista Harum Farock sobre uso de *games* no tratamento de trauma de guerra; um episódio do seriado *Black Mirror*; pesquisas empíricas a respeito da agressividade na comunicação mediada por computador. O desafio maior, assumido nesta forma de ensaio, é produzir um tensionamento potente entre esses casos heterogêneos que nos permitam estabelecer condições para produção de narrativas sobre este aspecto da experiência no mundo digital: a forma de violência mediada pelos dispositivos de redes.

Para prevenir o leitor, assumo de antemão alguns problemas que enfrentaremos no texto. Enunciá-los logo na abertura do ensaio pode parecer arriscado. Porém, a clareza sobre esses problemas é, ela mesma, um resultado interessante do tema que assumimos aqui. Metodologicamente, a aproximação de experiências e casos heterogêneos gera alguns desafios. Destaco, especialmente e como caso exemplar, o uso de três pesquisas empíricas sobre agressividade nas redes sociais realizada por grupos de pesquisadores em psicologia social. Somam-se a isso o uso de duas diferentes teorias psicológicas ao longo do ensaio, a psicanálise e a análise do comportamento. Como estamos justapondo casos distintos, muitas vezes eles parecem colocar contradições em termos dos próprios fundamentos teóricos aos quais estão vinculados. Nesse sentido, corremos também nós

o risco de descontextualizar as experiências apresentadas.

Em termos de conteúdo, arrisco-me a dizer que o trabalho efetuado não consegue ainda dar forma clara para isso que pretende mostrar: uma forma nova de violência própria às tecnologias digitais organizadas em redes. Que tipo de narrativa ele poderá abrir? Como ensaio que é, a narrativa apresentada limita-se a apresentar percepções e intuições surgidas do encontro com certos referenciais vindos da experiência e de algumas leituras. Suas deficiências também fazem jus a essa experiência fragmentada.

As reflexões e ideias apresentadas a seguir foram possíveis a partir do encontro com o livro de Grégoire Chamayou, *Teoria do Drone*, publicado na França em 2015.¹ Foi ele que despertou para uma série de perguntas e atualizou inquietações próprias a uma teoria crítica das tecnologias. Uma delas, que voltaremos adiante, é como lidar criticamente com o caráter ambíguo e ambivalente das tecnologias, se entendemos que tecnologia não é um mero instrumento sob o qual as questões éticas e políticas aparecem apenas em relação aos seus usos. Como as metodologias críticas podem não apenas descrever certo estado de coisas do mundo, mas também tensioná-lo negativamente?

A NECROPOLÍTICA DOS DRONES

Em *Teoria do Drone*, Chamayou propõe desenvolver uma análise genealógica do drone como aparato técnico. Desse modo, não interessa a ele apenas os usos desse instrumento técnico, mas sobretudo as redes de poder que generalizaram o drone como tecnologia que se insere na vida cotidiana. São escolhas políticas que impulsionam o desenvolvimento de certas tecnologias. Uma das novidades do texto é a ideia de uma nova biopolítica que, avançando com e além de Michel Foucault, atuaria muito mais como controle sobre a morte do que sobre a vida, muito mais como política de aniquilação – como *necropolítica*.

¹ Agradeço a Wallace Masuko por ter me apresentado a este trabalho.

Ao apresentar essa genealogia dos drones, Chamayou lança questões que nos tocam de modo decisivo e que queremos pensar a partir dele. Quais as formas específicas desse modo de violência? Em que medida ela altera certas condições jurídicas da teoria de Estado e de Guerra? Quais as implicações subjetivas desse novo fenômeno para os soldados e as vítimas e populações civis? O que seria uma cultura apoiada na violência de drones? Em que medida ela apresenta características de uma nova qualidade de violência? Para além da demonização das tecnologias e, ao mesmo tempo, para além do discurso sobre a neutralidade das técnicas e seus consequentes maus usos, para nós é importante esse modo de destacar que os artefatos técnicos implicam valores, necessidades e afetos. Antes de avançar nessas reflexões, precisamos saber mais a respeito da gênese dos drones.

Os primeiros relatos de uso de drones em guerra remontam especialmente ao conflito Israel-Líbano-Síria, no final da década de 90. Mas, foi a partir de 2001 que os Estados Unidos tornam-se os maiores financiadores de guerras com drones. Em 2013, ano de escrita do livro, segundo o autor, existiam cerca de seis mil drones em uso pela Air Force. Entre 2005 e 2011, houve aumento de 1.200% no uso de drones pelas forças armadas norte-americanas em países como Afeganistão, Somália, Iêmen, Paquistão. Entre 2004 e 2012, apenas no Paquistão, foram mortas em torno de 2.640 a 3.474 pessoas. Para além dos dados, que apontam os mortos como terroristas, as organizações internacionais de defesa dos direitos humanos, os jornalistas e uma série de pesquisas têm procurado trazer a público os grandes desafios postos para o direito internacional por esse modelo de guerra. Destaco aqui o texto *Fogo do céu azul* (2015), escrito por Mirza Shahzad e Umer Gilani, que procuram dar voz para as vítimas de ataques de drones, trazendo suas histórias e suas lutas, como a de Karim Khan, que teve o filho, o irmão e um amigo mortos em sua casa, em 31 de dezembro de 2009, ou da pequena Nabila, que aos 6 anos de idade viu sua avó morrer

por um ataque de drone na sua frente. Aqui já se colocam algumas questões sobre o que significa a ideia de “luta” frente a uma forma de poder tão unidirecional. Ou mesmo, se nesse modelo de luta faz ainda sentido falar de combate.

O drone é um veículo aéreo não tripulado, que pode ou não estar munido de arma; como dispositivo de vigilância, ele é programável para caçar e matar. Além disso, a maior sedução desse dispositivo é que ele permite “projetar poder sem projetar vulnerabilidade” (oficial David Deptula, citado por CHAMAYOU, 2015, p. 20), pois ele preserva o corpo vulnerável de quem ataca, ao mesmo tempo em que transforma o inimigo em um simples alvo: nesse dispositivo de telecomando, “é a priori impossível morrer matando” (2015, p. 21). *O drone, como arma que elimina vulnerabilidades, transforma a guerra em uma forma de conflito assimétrico, unilateral e desmedido, dada a completa ausência de reciprocidade.* A sua generalização como arma parece implicar mudança na relação do Estado com as pessoas. Mesmo entre os meios militares, a generalização do uso de drones e os grandes investimentos nesse modelo de guerra não avançaram sem polêmicas, segundo o autor, uma vez que eram vistos como uma mudança de estratégia de constituição e de formação de soldados, com seus códigos de honra e práticas já estabelecidas; mas também porque ele trazia implícita uma ideia de guerra sem fim – já que, a cada assassinato, só aumentariam as chances de mais sujeitos serem assassinados. Das diversas mudanças apontadas por Chamayou, como a legislação internacional, tratados de guerra etc., chama especial atenção a forma de hostilidade específica dessas tecnologias de drones e suas implicações profundas.

A partir da escalada mundial da guerra de drones depois de 2001, o Departamento de Defesa norte-americano passou a definir e impor uma nova doutrina estratégica – os “princípios teóricos da caça ao homem”. Em relatório publicado, em 2009, por George Crawford, e citado pelo autor, esse programa

propunha-se a “fazer da caça ao homem um dos fundamentos da estratégia dos Estados Unidos, instava a criar uma agência nacional de caça ao homem, instrumento indispensável para construir uma força de caça ao homem para o futuro” (p. 42). A guerra passa, então, a ser entendida não mais nos termos de um duelo ou de lutadores que se enfrentam, mas “de um caçador que avança e uma presa que foge ou se esconde” (p. 43).

A relação de hostilidade reduz-se então, como num esconde-esconde, a uma ‘competição entre os que se escondem e os que procuram’. A primeira tarefa já não é imobilizar o inimigo, mas identificá-lo e localizá-lo. Isso envolve todo um trabalho de detecção. A arte do rastreamento moderno baseia-se no uso de novas tecnologias, combinando vigilância aérea por vídeo, interceptação de sinais e traçados cartográficos (CHAMAYOU, 2015, p. 44).

Nesse modelo de Guerra em Rede (*Network-centric warfare*²), o inimigo aparece como um nó (*node*) inserido em uma cartografia de rede, cuja possibilidade de mapeamento permitiria calcular com exatidão os efeitos de sua eliminação, cálculo preditivo independente de qualquer ameaça direta iminente.

Postula-se que, ao apontar eficazmente os *node*-chave de uma rede inimiga, esta pode ser desorganizada a ponto de ser praticamente eliminada. Política e eliminação profilática que tem nos drones caçadores matadores o seu instrumento privilegiado (CHAMAYOU, 2015, p. 44).

Uma metodologia de reconhecimento de padrões de vida (*pattern of life analysis*) e

² “...is a military doctrine or theory of war pioneered by the United States Department of Defense in the 1990s”. In: https://en.wikipedia.org/wiki/Network-centric_warfare

de caça é acionado pelos dispositivos de tecnologias em rede. A rede, nesse caso, permite combinar uma ampla massa de dados provenientes de *Facebook*, *Google Maps* e *calendário do Outlook*. A partir desses dados, é possível definir o alvo e seguir o protocolo: encontrar, fixar, seguir, mirar e atacar. Os assassinatos anônimos por assinatura eram/são acionados a partir da identificação de alguma alteração de padrão de comportamento de uma pessoa – o cotidiano é mapeado, cruzam-se dados, se houver mudança ou detecção de anomalias, identifica-se o risco. Esse tipo de morte aparece como a maioria dos casos identificados no *Terror Tuesday*, termo usado para se referir aos encontros das terças-feiras na Casa Branca, onde uma lista com condenados à aniquilação, sem julgamento, era encaminhada e aprovada pelo presidente B. Obama. Uma *killlist* de condenados à morte sem processo.

Quem são esses mortos? Como vivem essas pessoas sob o olhar total do drone do Estado e da Guerra?

David Hohde, jornalista do *NYTimes*, sequestrado em 2008 e detido no Waziristão durante sete meses, foi um dos primeiros ocidentais a descreverem os efeitos dessa vigilância letal persistente sobre as populações. Segundo ele, os drones eram “aterradores. Do chão, é impossível detectar o que ou quem eles estão rastreando enquanto descrevem círculos sobre sua cabeça. O zumbido longínquo do motor soa como lembrança constante de uma morte iminente” (p. 55). Outros testemunhos publicados, em 2012, no relatório *Viver sob os Drones* seguem na mesma linha:

“Eles estão sempre vigiando, estão sempre acima de nós, e a gente não sabe nunca quando vão atacar.” (...) “Todo mundo tem medo o tempo todo. Quando nos encontramos para fazer a reunião, temos medo de que haja um ataque. Quando ouvimos o drone girando no céu, pensamos que ele pode atacar. Estamos sempre com medo. Temos sempre o medo em nossa cabeça”

(...) “Os drones estão sempre na minha cabeça. Isso me impede de dormir. São como um mosquito. Mesmo quando a gente não vê, dá para ouvir, a gente sabe que estão lá.” (...) “as crianças, os adultos, as mulheres, estão todos aterrorizados... eles choram de terror” (CHAMAYOU, 2015, p. 55).

Segundo Chamayou, além das mortes, dos feridos e dos escombros, outro tipo de terror ou de efeito desse modelo de vigilância letal permanente é infligido a populações inteiras, o que ele chama de *isolamento psíquico*. “Os drones, com efeito, petrificam.” Medo de sair de casa. Medo de encontros em espaços públicos. Desequilíbrio mental. O drone é um dispositivo do olhar: que vê o tempo todo e tudo arquiva. É uma imagem total, um olho sem pálpebra.

Nesse modelo de Guerra em Rede, a zona de conflito é estendida muito além do campo de batalha. A zona de guerra passa a ser uma zona pessoal, colocando em crise os tratados e noções básicas a partir dos quais experimentamos as guerras no século XX. Não se trata mais de uma geopolítica de ocupações, mas de um poder estratosférico e aéreo: a guerra deixa de ser apenas enfrentamento e ocupação para se tornar essencialmente rastreamento, caça e perseguição a um inimigo-presa. Nesse contexto, a questão da soberania ganha um aspecto volumoso e tridimensional, uma geopolítica dos volumes. A zona de conflito torna-se uma *Killbox*: uma zona autônoma temporária de massacre, constituída por Microcubos de exceção letal temporários, com um ciclo de vida determinado: a caixa é aberta, ativada, controlada, fechada depois da execução.

O termo *Killbox* foi usado por uma equipe de artistas e ativistas que criaram um *game on-line* com uma instalação interativa que produz a experiência da caça de drones. Com esse jogo, eles trouxeram à tona os impasses sobre a natureza da guerra de drones, suas complexidades e consequências. A *killbox* é

uma experiência que explora o uso da tecnologia para fazer transformar e entender como o poder político e militar tornou-se uma forma de abstração do assassinato por meio de uma virtualização.³ Para a criação do game, eles utilizaram documentos sobre a guerra de drones e relatos das experiências com drones no norte do Paquistão. No game, o jogador interage apenas com outro jogador. Cada um assume uma posição: um é o piloto, o outro é a criança condenada. O desafio de um é caçar e, do outro, fugir. O jogo ocorre de forma pública como instalação e não dura muito mais do que cinco minutos. Quando a “presa” é achada, a interface produz uma compartimentação de traços em torno do corpo e o tiro é acionado.⁴ Essa localização geométrica do campo de batalha ou do alvo no corpo coloca desafios enormes sobre a política de guerra contemporânea.⁵ Os dois princípios dessa nova “zona de conflito” são, segundo Chamayou: a) o princípio da precisão ou especificação que, fragmentada e minituriarizada, tende a se reduzir ao corpo do inimigo e a colocar o corpo individual como um campo de batalha; b) o princípio da globalização ou homogeneização da guerra que tende a se estender para qualquer parte do globo.⁶ É um videogame político que levanta questões éticas e morais sobre a guerra.

Além dessas mudanças no que se refere ao impacto da tecnologia de drones para pen-

³ “The work is an international collaboration between U.S. based artist/activist, Joseph DeLappe and Scotland-based artists and game developers, Malath Abbas, Tom Demajo and Albert Elwin of Biome Collective.” Conforme o site: <https://www.killbox.info/home>

⁴ <http://www.polygon.com/features/2016/8/31/12651442/kill-box-drone-warfare-game>

⁵ Representação visual da *killbox*: <https://www.youtube.com/watch?v=1B7GqwZ49KA>

⁶ “‘When people first play it, without hearing about it beforehand, they often assume that the other person has the same point of view as them’, says Tom de Majo, one of the game’s designers. ‘Then, when the missile strikes, there’s a connection that happens. It’s a really effective installation, a crowd puller. People will watch and talk about it and discuss it.’” <http://www.polygon.com/features/2016/8/31/12651442/kill-box-drone-warfare-game>

sar o próprio conceito de guerra contemporânea, os estudos de Chamayou avançam ainda na tentativa de apresentar uma novidade na psicopatologia das guerras. Para ele, a categoria de Transtorno por Estresse Pós Traumático, que acomete os soldados quando voltam de combate, parece não fazer mais sentido justamente em virtude do modo como essa tecnologia propicia processos de subjetivação. Em nossos termos, podemos dizer que para ele as tecnologias, mais do que instrumentos, produzem pessoas.

Harum Farocky, importante cineasta checo-alemão, que desenvolveu debates fundamentais acerca das imagens e da violência contemporâneas, criou uma instalação chamada *Serious Games*, uma série de três vídeos nos quais Farocky trabalhou a relação entre os videogames e seu uso na guerra. Em *Immersion III*, de 2009, um soldado com transtorno de estresse pós traumático (TEPT), desencadeado após uma temporada em combates no Iraque, é submetido a uma terapia que permite reviver a cena traumática virtualmente. Ele é acompanhado por uma terapeuta que avalia as falas ao mesmo tempo em que mede os sintomas físicos, tremedeira, batimentos cardíacos etc. No vídeo nós acompanhamos, em dois planos distintos, as imagens que o soldado vê, ao mesmo tempo a imagem do soldado e sua reação à sessão de terapia. Em certo momento, ele se agacha, como se suas pernas não aguentassem o peso, o medo, enquanto chora. Esse tipo de terapia de trauma de guerra por meio de tecnologias digitais foi muito usado e ainda é pelo exército norte-americano. Nela, a experiência traumática da guerra é revivida, permitindo ao paciente falar sobre ela e lidar com aquilo que queria ser esquecido, mas que retorna com sintoma. Esse tipo de terapia faz parte do trabalho de Ana A. B. Jaques (JAQUES, 2012), psicanalista que recebeu soldados brasileiros que retornaram do Timor Leste e do Haiti. Segundo ela:

Em nossa experiência no atendimento dos soldados que retornam neurotizados pela experiência da

guerra e dos combates, percebemos com Freud que o trauma de guerra provoca um esgarçamento no simbólico. Inundados por um excesso pulsional inassimilável, ficam, em geral, submergidos na experiência traumática (JAQUES, 2012, p. 16).

Na teoria da neurose de guerra desenvolvida por Freud, os diversos sintomas aparecem como resultado de uma fuga para a doença para escapar à angústia insuportável resultado da experiência de risco de morte e de medo. Na terapia psicanalítica, o tratamento desse sofrimento passa pela palavra e pelo envolvimento do sujeito com os seus sintomas. O lugar da escuta analítica das experiências de sofrimento é central como elemento que torna possível a elaboração psíquica da experiência traumática.

Um dos fortes argumentos para justificar a guerra com drones vem justamente da sua capacidade de diminuir os custos traumáticos, físicos e psíquicos, para os soldados. Esse é um argumento racional e eficaz. Se levado às últimas consequências, a extrema racionalidade do argumento quase nos impede de nos perguntarmos a respeito da própria política que faz a guerra. A eficácia dessa tecnologia encobre perguntas muito mais difíceis de responder e que tentam relacionar os fatos isolados com o processo maior em que estão inseridos. Chamayou procura lançar luz justamente para elas, quando se questiona o que acontece eticamente quando a experiência da guerra é bloqueada tecnicamente, sem a transformação da própria violência? O que significa uma experiência de violência sem culpa?⁷ Como se sentem os soldados operadores de drones em relação às suas vítimas? Como estas se sentem?

Apresentaremos agora uma síntese da cena que abre o prelúdio do livro *Teoria dos drones*. A cena retrata uma conversa entre

⁷ O texto “As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie” trabalha na mesma linha de argumentação (JAQUES, A. A. B., 2012).

soldados operadores de drones, transcrita por David S. Cloud, jornalista do *Los Angeles Times*. A cena se passa entre as 0 horas e 45min e as 4 horas e 42 min AM no horário dos EUA, em uma sala da base de Creech em Nevada, o berço da frota de drones da US Air Force.

Um operador e um piloto vigiam pelo monitor um deslocamento terrestre de três carros no Afeganistão (horário local 5h15 AM). O diálogo entre o operador e o piloto mostra os últimos momentos de uma conversa que levará ao apertar do botão de um míssil instalado no drone *Predator* e que levará à morte mulheres, crianças e homens afegãos, suspeitos de algo que não se sabe ao certo o que é. Um ataque preventivo. A tensão desses minutos finais toma conta do leitor, que conhece pela primeira vez o cotidiano banal do sistema de mortes por drones. Chama a atenção a falta de clareza e certeza sobre os suspeitos, uma fraqueza rapidamente contornada por certezas e vontade de aniquilação, antes de qualquer coisa: “Eu esperava que a gente pudesse detectar uma arma”; “eles estão maquinando alguma coisa”; avisado de que havia um adolescente, “ah, bom, adolescentes podem lutar”; “que belo alvo, eu adoraria passar por trás para acertar em cheio”; “ah, seria perfeito”; “espero que a gente possa atirar no caminhão com todos os caras dentro”; “poderia ter toda uma frota de *Preds* aqui”, “Ah, quem dera cara”; “operador pronto, que a festa comece!” Seguem-se diálogos entre piloto, operador e helicóptero de apoio. Ao sinal verde, o míssil é acionado. Lê-se: “Putá merda!” A partir desse momento, as falas são menos excitadas, já não parecem crianças ao *videogame*. Descobre-se que não havia armas. Que havia mulheres de burca. “Se essa pessoa é uma moça, é uma moça grande.” Na interface do monitor, eles veem as pessoas assustadas correndo; veem uma pessoa sentada, outra orando, outro rendendo-se. Uma criança balança uma bandeira branca. Veem espasmos. Ossos. Sangue por todo lado. Tripas para fora. “Parece uma criança”; “É. Aquele que está agitando a bandeira.” Às 4h42 min, ouve-se: “É, agora aí eu não estaria... não estaria,

pessoalmente, à vontade para atirar nessas pessoas”; “Não” (CHAMAYOU, 2015, p. 9-17).

Para Chamayou, o drone como dispositivo oferece meios potentes de distanciamento ou “amortecedores morais” que desencadeiam processos novos para a psicopatologia da guerra justamente por causa da especificidade desse “matar a distância” onde a guerra torna-se, finalmente, um *teletrabalho*. Destaco que as transformações tecnológicas no âmbito do trabalho não afetam apenas os soldados, mas todos, e isto tem implicações para pensar os modos de subjetivação mais amplos e uma transformação na própria cultura. Seriam as implicações que tira Chamayou desse caso singular possíveis de serem estendidas para os demais trabalhos?

Para ele, o *teletrabalho de guerra* cria uma situação estranha para os operadores, sendo a principal dinâmica de formação psíquica desse soldado a capacidade de *compartimentar*: “você precisa ser capaz de ligar e desligar o interruptor”, diz um dos operadores. Esses soldados fazem a guerra a partir de uma zona de paz. Como os demais trabalhadores, acordam cedo, tomam café com suas famílias e vão trabalhar. Porém, há ainda outra característica além dessa conversão da guerra em trabalho pelos operadores de drones, que reforça a dinâmica de formação psíquica própria a esses operadores-soldados-trabalhadores. Quando uma bomba é jogada por um piloto de caça e o avião volta, o piloto não vê o que aconteceu. No entanto, o drone permite que o operador veja o alvo e observe como se estivesse bem próximo. A distância tem uma qualidade diferenciada por causa das câmeras e da interface. Os operadores veem suas vítimas, acompanham todo o seu cotidiano, às vezes durante dias: “o grande alcance não torna essa violência mais abstrata e impessoal, ao contrário, a torna mais gráfica e mais personalizada”. A proximidade perceptiva é filtrada pela interface, os alvos humanos passam por uma redução figurativa (“não tem carne em seu monitor, só coordenadas”) e não há contato visual algum – o operador vê sem ser visto. Essa separação física, que caracteriza o dispositivo, romperia,

segundo Chamayou, a “unidade fenomenológica do ato” entendida enquanto “unidade da ação por meio de uma síntese reflexiva que só acontece no tempo”. Em alguma medida, essa *banalidade do mau* poderia ser identificada em muitas guerras desde o uso de tecnologias de guerra, mas aqui ela faz parte, é produzida, sustentada e generalizada pelo próprio dispositivo. Como consequência, para o autor, parece haver uma *virtude prática* própria a uma cultura apoiada na violência de drones: a capacidade de *compartimentar e separar*.

E se a psicopatologia do drone não estivesse lá onde acreditamos, isto é, nos eventuais traumas dos operadores remotos e sim, ao contrário, na produção industrial de psiquismo compartimentados, imunizados contra qualquer forma de reflexão sobre sua violência, tal como seus corpos já o são contra qualquer capacidade de exposição ao inimigo? (CHAMAYOU, 2015, p. 92).

INTERMEZZO TEÓRICO CRÍTICO

A filosofia do drone de Chamayou apresenta uma nova organização social e subjetiva com uma ética organizada contraditoriamente em torno da ideia do direito de matar: de terrorista a pessoas inocentes, a diferença não mais importa. O princípio de defesa é tudo. Nessa forma de organização cultural, todas as energias sociais são direcionadas para esse fim, o militarismo crescente, o desenvolvimento de tecnologias de vigilância, a preparação para a guerra, a indústria de entretenimento com seus filmes de catástrofe que dão um tom natural e épico para essa (des) construção social. Os acontecimentos políticos mundiais dos últimos três anos anunciam a aceleração desse projeto político irracional. Irracional aqui tem menos a ver com uma forma inconsciente do que com uma racionalidade, cujos fins não são mais compartilhados, porque têm a ver com desigualdade, com manutenção de hierarquia, privilégio e exploração. Voltamos à era das guerras e da devasta-

ção nuclear, como afirma Noam Chomsky em entrevista recente.⁸

Já na década de 1960, Herbert Marcuse foi capaz de descrever a característica e consequência de uma sociedade como essa: “A ameaça de uma catástrofe atômica, que poderia exterminar a raça humana, não servirá ela mesma para proteger as forças que perpetuam esse perigo?” (2015, p. 31). Nesse livro, Marcuse descreve o contexto de uma sociedade *unidimensional*: esse conceito implica uma transformação na infraestrutura social e também na superestrutura (notamos que, desde a *Dialética do esclarecimento* de Adorno e Horkheimer, estas não são duas faces diferentes, mas mediatizadas): uma transformação bastante profunda na forma de trabalho propiciada pela maquinaria, o que abre postos de trabalho não mais na produção, mas na gerência; integração da classe trabalhadora pela via do aumento da capacidade de consumo; organização massiva, política e autoritária, dos meios de comunicação; produção da consciência feliz.

A Consciência Feliz – a crença de que o real é racional e que o sistema entrega bens – reflete o novo conformismo que é a faceta da racionalidade tecnológica traduzida em comportamento social. É novo porque é racional a um grau sem precedentes. Sustenta uma sociedade que reduziu – e em suas mais avançadas áreas eliminou – a irracionalidade mais primitiva dos estágios anteriores, que prolonga e melhora a vida com mais regularidade do que antes. A guerra de aniquilação ainda não ocorreu; os campos nazistas de extermínio foram abolidos. A Consciência Feliz repele a afinidade. A tortura foi reintroduzida como um fato normal, mas numa guerra colonial que ocorre à margem do mundo civilizado. E lá é praticada

⁸ Ver entrevista <http://outraspalavras.net/destaques/guerra-e-devastacao-nuclear-a-ameaca-voltou/>

com boa consciência, pois guerra é guerra. E esta guerra também está na margem – assola apenas os países ‘subdesenvolvidos’. Contra as expectativas, a paz reina (MARCUSE, 2015, p. 107).

Para Marcuse, uma das características dessa forma de sociedade é a transformação na linguagem e na forma de pensamento, as quais repelem toda forma conceitual que não se identifica imediatamente ao estado de coisas dadas ou ao discurso da gestão do dado. Como herdeiro da filosofia hegeliana e do materialismo histórico, para Marcuse a ideia de conceito tem caráter negativo, com uma dimensão histórica e transcendente. Nessa medida, a ideia de vida boa deveria nos ajudar a julgar as melhores condições de vida a partir das próprias possibilidades materiais existentes (por exemplo, um uso mais humano e democrático do aparato tecnológico visando apaziguar a luta pela existência). O fato de que existam todas as condições materiais para eliminar a fome, e que isso não aconteça, exige a crítica das formas de dominação. Os conceitos de liberdade, paz, democracia, igualdade, quando manipulados no contexto da generalização da racionalidade tecnológica, perdem a sua dimensão histórica e a diferença qualitativa, tornando-se operacionalizáveis no universo político como tautologias e sinônimos. Eles perdem o sentido crítico quando individualizados para descrever valores de mercadorias (sejam elas coisas ou pessoas) e não mais valores políticos coletivos.

No capítulo quatro de *O homem unidimensional*, intitulado “O fechamento do universo do discurso”, Marcuse está atento à transformação na linguagem: por exemplo, a tendência crescente à hifenização das palavras indicaria a capacidade/necessidade de apaziguar contradições, justapondo termos excludentes e eliminando o seu sentido. É o caso das palavras “bomba-limpa”, “radiação inofensiva”, “ciência-militar”. Ou ainda, a normalização dos estados de exceção pelas manchetes de revista, como a propaganda de

“Abrigo nuclear de luxo” e a justaposição de mísseis balísticos com pastas de dentes. Todos esses aspectos implicam um esvaziamento da linguagem crítica e dialética; a absorção de seu conteúdo transcendente; a equivalência entre verdade e falsidade; a substituição de conceitos por imagens. Implicam ainda uma transformação subjetiva profunda.

Mas esse tipo de discurso não é terrorista. Parece despropositado supor que os receptores acreditam, ou são levados a acreditar, no que é dito a eles. Antes, a nova marca da linguagem ritual-mágica é que as pessoas não acreditam nela, ou não se importam, e ainda assim agem de acordo com ela. Não acreditam no enunciado de um conceito operacional, mas ele se justifica na ação – conseguir que uma tarefa seja feita, vender e comprar, recusar-se a escutar os outros (MARCUSE, 2015, p. 121).

Esse aspecto descrito por Marcuse é similar ao desenvolvido por Chamayou, quando trata da psicopatologia do soldado.

Trouxemos para este momento o argumento de Marcuse porque ele nos interessa em duplo sentido. Primeiro, entender como a questão da tecnologia se expande em uma crítica da generalização da racionalidade tecnológica como forma de organização social e fechamento do universo político. Segundo, porque essa organização tem seu aspecto infraestrutural (mexe com a produção e o trabalho), ao mesmo tempo em que influencia as formas de pensamento e de ação, transformando a política em administração e gerência. É o próprio sentido da democracia que se altera profundamente. Ao ligar essas duas faces da tecnologia, Marcuse nos permite articular os dois movimentos propostos por Chamayou – a descrição genealógica da forma de um dispositivo técnico e as consequências psíquicas para os soldados, mas não apenas. Uma transformação cultural mais

ampla que afeta a capacidade de crítica e de julgamento. Retomamos aqui a citação da página anterior: “produção industrial de psiquismo compartimentados, imunizados contra qualquer forma de reflexão sobre sua violência, tal como seus corpos já o são contra qualquer capacidade de exposição ao inimigo” (CHAMAYOU, 2015, p. 92).

Um dos argumentos fortes de Marcuse, como herdeiro de uma filosofia da psicanálise muito própria, indica que esse sistema irracional se torna mais coeso ao se reproduzir e se reforçar na própria estrutura pulsional. Marcuse fala de uma dessublimação institucionalizada da agressividade, própria à pulsão de morte. Um elemento importante, já em *Eros e civilização* (1999a) ou mesmo no texto de 1941 *Algumas implicações sociais da tecnologia moderna* (1999b), é que esse sistema não precisa de uma submissão violenta e pela força para garantir a continuidade do *status quo*; ele precisa ser capaz de satisfazer e, por meio dessa satisfação, introjetar os valores sociais dessa ordem como próprios aos sujeitos. Nesse sentido, Marcuse mostra a importância de Freud para a teoria social, na medida em que ele garante o acesso a esse conteúdo subjetivo fundamental para entender a questão do poder.

Para nós, a importância do texto de Chamayou é ser capaz de produzir um tipo de narrativa que busca desconstruir a ideologia da racionalidade tecnológica de um modo muito específico: não contraponto o modelo atual de vida ao que seria uma forma boa, uma vez que a crítica da ideologia não funciona mais a partir de conceitos transcendentais. Mas mostrando através da própria história do dispositivo o modo como ele está pautado por interesses políticos. O drone, como tecnologia, não é um progresso em si mesmo. Ele carrega uma forma de vida.

Assim, voltamos ao argumento de Chamayou, segundo o qual vivemos sob formas de vida organizadas em torno da *necroética* ou *necropolítica*. Tomando como exemplo um aparato técnico específico, o drone, Chamayou consegue reconstruir a gênese de uma forma de violência que se torna, ela mesma,

um modo de vida. A consequência psíquica desse dispositivo de guerra é, tal como nos mostrou também Marcuse, um tipo de subjetividade cindida, incapaz de experimentar reflexivamente a própria violência, assim como a gênese histórica das formas de vida.

Este ensaio foi pensado para elaborar uma pergunta derivada da própria experiência: será que esse dispositivo técnico que é o drone, que está organizado em rede, pode nos dizer algo sobre o modo agressivo que aparecem os discursos nas redes sociais mais conhecidas, como o Facebook? Será que ele favorece a produção de preconceito e estereotipia, a partir da própria forma de organização do aparato técnico?⁹ Será que há influência dessa rede na mudança do cenário político? Se sim, como e por quê? Quais os jogos de poder e força em atuação? Essas são as perguntas que muitos de nós temos desde 2013 no Brasil. Especialmente a partir do acirramento de conflitos no processo eleitoral, em 2014, os quais permanecem até hoje. Será que essa tecnologia está nos produzindo? O referencial teórico mobilizado neste ensaio nos permite acenar positivamente.

Avançando com Chamayou, perguntamo-nos se, nas redes sociais de massa, podemos observar estruturas necropolíticas similares, uma espécie de necropolítica ou necroética das redes digitais? Segundo o autor, nos soldados-operadores de drones, a cisão entre guerra e paz, vivida na *safe zone*, torna-se uma cisão interna na capacidade de julgar que permite manter duas ideias contrárias ao mesmo tempo. Seria essa capacidade também presente nas formações mais amplas da cultura?

A possibilidade de manter ideias contrárias sem que elas entrem em contradição

⁹ As perguntas que elencamos aqui mobilizaram não apenas esse texto, mas toda a rede de pesquisas Nexos. Especialmente essa pergunta foi pensada no trabalho de Deborah Antunes, que pode ser lido neste dossiê. Destaco ainda o trabalho em parceria com o físico de redes complexas, Renato Fabbri, que vem nos ajudando a pensar fisicamente a questão das redes, o que nos permite, ao mesmo tempo, ampliar a ideia de rede para além da forma que ela assume na corporação Facebook.

consciente para o sujeito foi tematizada por Freud em textos como *A negativa* (FREUD, [1925] 2007), *Fetichismo* (FREUD, [1927] 2007), *A cisão do eu e os processos de defesa* (FREUD, [1938] 2007). Segundo ele, essa “habilidade” caracteriza o processo de negação próprio às perversões, especialmente ao fetichismo. No fetichismo, haveria uma cisão entre duas correntes psíquicas contrárias, que aparecerá a partir dos anos 20 sob a categoria de desmentido (*Verleugnung*). Essa categoria permite compreender que “frente à castração feminina os fetichistas têm uma atitude cindida em dois”, o que será conhecido como *Ichspaltung*, uma cisão dentro do próprio Eu. O fetiche realizaria a “dupla costura” de ideias contrárias. E o desmentido (*Verleugnung*) seria uma ação defensiva própria à modalidade fetichista de defesa. Se na neurose a cena traumática (medo da castração) seria admitida e as ideias posteriores suprimidas e recuperadas como sintoma, e na psicose a própria cena seria repudiada e negada, a *Verleugnung* mantém as duas ações de defesa ao mesmo tempo: nega e aceita a castração.¹⁰ Também Marx, no capítulo 1 de *O Capital*, intitulado “O fetichismo da mercadoria”, apresenta consequências parecidas. Segundo ele o caráter próprio ao fetichismo da mercadoria é ser capaz de apagar, velar, o trabalho social que constitui o valor da forma final da mercadoria, de modo que o valor aparece aos indivíduos como se fosse próprio ao objeto mercadoria. Mas ele completa: mesmo que eles soubessem dessa gênese, isso em nada mudaria a sua forma de agir.

Se assumimos uma mudança na chave da *patologia social* (ideia que podemos desenvolver a partir do *Mal-Estar na Cultura de Freud* (FREUD, 2010, p. 182), o desafio para uma teoria crítica apareceria da seguinte maneira: como denunciar situações de violência e de sofrimento que os sujeitos sabem, mas não se importam; ou melhor, eles sabem e mesmo assim continuam agindo como se não soubes-

sem. Uma cisão na dimensão do julgamento que coloca o impasse ético. A ideia de esclarecimento por meio de uma crítica da ideologia, de uma conscientização, encontra aqui um grande desafio.

Na tentativa de elaborar um pouco mais as condições para uma aproximação desse problema, o texto se encaminha em dois movimentos: o primeiro, apresentar um episódio de uma série de TV que, como nenhuma outra, tem mobilizado reflexões críticas sobre o contexto contemporâneo e o lugar da tecnologia. O segundo movimento irá problematizar as dificuldades e perigos metodológicos de uma pesquisa que assume estas perguntas.

A NECROÉTICA DAS REDES SOCIAIS

Ainda estamos paralisados no plano da imagem. Como nos advertiu Marcuse, a imagem é avessa ao conceito. Ao mesmo tempo, como forma narrativa, ela consegue condensar experiências bloqueadas, contradições não resolvidas e que não conseguem ainda se expressar. Aqui a metodologia crítica de Benjamin nos parece mais própria para dar conta de pensar a pobreza da experiência e suas condições narrativas.¹¹ Assim, temos uma imagem-problema construída a partir da his-

¹⁰ As reflexões aqui desenvolvidas sobre o fetichismo devem-se à pesquisa coletiva realizada entre os anos de 2010 e 2014 com o Laboratório de Filosofia, Teoria social e Psicanálise/ LATESFIP (USP).

¹¹ Essa ideia está ancorada sobretudo nos textos de Benjamin *Infância em Berlin* (1995) *Pobreza e Experiência* (1994) e *O narrador* (1994) e na interpretação feita por Massimo Canevacci do debate Adorno e Benjamin acerca dos desafios metodológicos da teoria crítica (CANEVACCI, 2008). Para o antropólogo Massimo Canevacci, para lidar criticamente com o fetichismo atual não seria mais possível aplicar os tradicionais esquemas teóricos. Para avançar, ele cria a *metodologia fetichista* a partir de um diálogo polifônico entre Adorno e Benjamin. Na troca de cartas realizada em 1938, ao falar do trabalho *As Passagens*, Adorno acusa Benjamin de fazer uma “narrativa meramente elencadora”, renunciando à teoria em prol de uma empiria imediata da qual estariam ausentes a mediação e a dialética. Em resposta, Benjamin afirma que sua metodologia procura ater-se à facticidade para dissolver os componentes reificados das coisas e à produção de um texto que se atém às particulares, sem submetê-las à mesma *ratio* que se pretende criticar. Não há superação ou dialética entre as posições dos dois amigos, ficamos entre eles e avançamos com eles, pois ambos nos ajudam a pensar acerca dos impasses metodológicos da teoria crítica hoje.

tória de ficção científica apresentada como uma série de TV. O episódio do seriado *Black Mirror*, intitulado *Hated in the Nation*, traz à tona o tema da disseminação do ódio nas redes sociais e conecta essa experiência subjetiva aos dispositivos técnicos oferecidos pelo atual estágio da cultura: no caso, as redes sociais e as abelhas-drone. O problema que essa imagem nos coloca a pensar é *quais conexões podemos estabelecer entre aquela forma de violência dos drones de guerra e as ações dos sujeitos nas redes sociais?*

O ano é 2016. Apesar de ser ficção científica, *Black Mirror* não necessita de deslocamento temporal para o futuro para produzir distopias. Há uma visão aguda para o momento atual e as distopias presentes neste instante. A história narrada começa com um assassinato. As condições anteriores à morte mostram uma jornalista que escreveu um texto muito criticado nas redes sociais. Ela é ofendida de diversos modos, mas é sobretudo a partir da internet (*Twitter*) que o ódio se viraliza. As pessoas desejam a sua morte, publicando no *twitter* *#DeathTo*. Então a jornalista é assassinada em uma situação estranha. Na busca por provas, duas detetives chegam a uma mulher suspeita e descobrem que é apenas uma professora de escola infantil e que ela teria desejado a morte da jornalista nas redes sociais “como brincadeira” sem consequência. Na banalidade desse ato não refletido está a gênese de uma série de assassinatos que se seguirão. Mas como uma postagem em uma rede social pode tornar-se elemento de um assassinato? A estranha pergunta vai ter um encaminhamento próprio na trama do episódio. Descobrimos que um *hacker*, inconformado com a situação do mundo e com suas violências, resolve criar um dispositivo que devolve o ódio e a violência para as pessoas que a expressam nas redes sociais. Ele vincula os *tweets* das pessoas às abelhas-drone *hackeadas*: toda vez que as pessoas destilam ódio nas redes, as abelhas-drones agem assumindo as consequências pelas pessoas – perseguir e aniquilar a pessoa odiada. As abelhas drones, que teriam sido criadas

para suprir o impacto ambiental do desaparecimento das abelhas e polinizar flores, assumem, pela própria estrutura do aparato técnico, o desejo de morte generalizado. Não apenas porque alguém usou mal o dispositivo (seja rede ou *hacker*), não por ser uma técnica má, mas, antes de tudo, porque as condições e necessidades da cultura tramaram as suas consequências e usos, porque as condições psíquicas, sociais e culturais para esse uso estavam dadas.

Esse episódio traz à tona um profundo impasse das tecnologias e das formas de vida da necroética ao apresentar tecnologias a partir de sujeitos *dronizados* em sua fúria prazerosa de aniquilação e de morte. O que fica de mais interessante, pois complexo e confuso, é que o filme não separa os aparatos técnicos dos sujeitos. Ao contrário, ele realiza uma mistura entre tecnologias subjetivadas e sujeitos tecnológicos que produzem uma *do-bra* nos discursos acerca das tecnologias e a violência do mundo contemporâneo. Ele nos confunde. Primeiro, trata-se só de uma ficção? Desconfiamos que há algo que fala de uma realidade possível e isso nos dá medo. Segundo, desconfiamos que, na agressividade que vivemos diariamente nas redes sociais, há uma dimensão de guerra, de um ódio destituído de reflexividade, que se direciona a qualquer que incomode. Os motivos não são pensados. Há sempre formas de acusação do outro e criação de bolhas de identidade na reafirmação da própria opinião. Vai se tornando cada vez mais insuportável lidar com a diferença. O racismo, o sexismo, os discursos autoritários parecem ter encontrado o instrumento tecnológico adequado para a sua promoção. Desconfiamos que esse ódio não se restringe às redes sociais. Um medo se generaliza. A esfera política se esgarça. Surgem os heróis especialistas para salvar do caos e da desordem e acabar com os “vagabundos”, “rebeldes” etc. Sempre pode piorar. Desconfiamos, enfim, que essa ferramenta tem algum tipo de participação nessa crescente violência. Mas estamos todos dentro dela. Usamos em nosso cotidiano, ela facilita nossas vidas. Pensamos em desligá-las, des-

conectar. Mas desconfiamos, mais uma vez. E ficamos parados. Numa sensação ambígua de engodo e de desejo de que outra coisa seria possível... quem sabe, montar mais um grupo, organizar uma passeata...

Quem sabe, ainda, utilizar as ferramentas metodológicas das ciências e suas pesquisas empíricas para entender melhor o que está acontecendo. Circunscrito o problema – a agressividade e o ódio na comunicação mediada por computador – foi feito um primeiro levantamento bibliográfico com o intuito de mapear o que vem sendo pensado a respeito desse assunto. Encontramos todo um campo de pesquisa surgido no final da década de 90 na Psicologia social e nos Estudos sobre comunicação na linha de Teorias das tecnologias. Para apresentar essas pesquisas, selecionei três artigos científicos que nos ajudarão a conhecer algumas hipóteses e propostas, alguns conceitos, experimentos empíricos e a dimensão normativa desses trabalhos.

O termo científico usado para se referir às situações de agressividade na comunicação mediada por computador é *flame war*. Não há uma tradução específica para esse termo, da mesma maneira que continuamos a usar *bullying* para tratar de certo campo de debate sobre a agressividade. *Flame war*, como *bullying*,¹² surge num contexto muito próximo. Um campo científico que, com suas metodologias de pesquisa, procura estudar as experiências de violência e agressividade para entender as causas, formas e propor diagnósticos e soluções normativas.

No inglês, a palavra indica já a sua dimensão bélica – *war* / guerra – assim como o desejo da aniquilação do outro por meio do flamejar ou do queimar – *flame*. De acordo com as pesquisas citadas, o *flaming* é normalmente descrito como uma forma de interação agressiva e hostil via comunicação mediada por computador, e-mail, discussões de grupo on-line, salas de bate-papo

etc. As pesquisas sobre esse termo procuram entender quais são as causas para esse comportamento e delimitar o fenômeno dessa forma de agressividade que emerge nas comunidades on-line. “São mensagens enviadas por uma pessoa para flamejar a outra” (O’SULLIVAN & FLANAGIN, 2003). O *flaming behaviour* aparece por meio do uso de expressões agressivas em comunicação on-line síncronas ou assíncronas. Isso inclui uma variedade de conteúdos imagéticos e discursivos como xingamentos, palavras, comentários negativos e inapropriados, disseminação de mentiras, difamação etc.; mas também certa forma de escrita, como letras em caixa-alta, exclamações ou muitas interrogações, formas tipográficas específicas, negrito, *emoji* (símbolo que expressa sentimento em imagens), *memes* (imagens virais que propagam estereótipos, piadas, comportamentos e ideias que mimetizam opiniões multiplicando-as) etc. Os artigos pesquisados problematizam essa violência no campo jurídico, na psicologia do trabalho e na ética e apontam para algumas hipóteses gerais sobre as causas do *flaming*, como veremos a seguir.

No artigo de Patrick B. O’Sullivan and Andrew J. Flanagin (2003), os autores procuraram lidar com o problema de tipificar uma situação de violência efetiva, para diferenciá-la de outras, como mal-entendidos etc. Assim, o desafio assumido pelos autores foi responder quando, numa situação de comunicação on-line, uma situação se constitui realmente violenta. Para isso, eles criaram uma metodologia própria que eles chamaram de “cubo interacional”. Assim, para eles, para que possamos reconhecer um caso típico de *flaming*, os três agentes dessa comunicação on-line devem perceber certa ação (linguagem) como transgressão. Os três agentes a que se referem são: o *sender*, aquele que envia a mensagem e que agiu com transgressão; o *receiver*, aquele que recebe a mensagem e que a sente como agressiva; e o terceiro membro exterior, o observador, também deve reconhecer a agressividade envolvida. Essa metodologia é composta por uma tabela que oferece graus de transgressão e agressividade:

¹² Para uma análise crítica cuidadosa do conceito de *bullying*, ver trabalhos de Deborah Antunes e Antonio Zuin: *Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação* (2008). Acesso em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000100004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

Perspectiva do sender	Perspectiva do receiver	Perspectiva do observador	Comentários
Apropriada	Apropriada	Apropriada	Boa comunicação
Apropriada	Apropriada	Transgressão	Normas locais de comunicação desconhecidas para o observador, por exemplo: Ironias, sarcasmo
Apropriada	Transgressão	Apropriada	Falta de esclarecimento sobre as normas
Apropriada	Transgressão	Transgressão	Pouca sensibilidade para as normas de relações sociais
Transgressão	Apropriada	Apropriada	Falta de compreensão do sistema de normas sociais
Transgressão	Apropriada	Transgressão	Aquele que recebe deve ter falta de clareza sobre as normas sociais
Transgressão	Transgressão	Apropriada	Observador é exterior às normas sociais
Transgressão	Transgressão	Transgressão	Um caso típico de <i>flame</i>

Taxonomia de mensagens problemáticas.

No “cubo interacional”, os agentes correspondem a vetores, enquanto as variáveis de ações correspondem a uma das faces do cubo interacional de *flaming*. O cubo tem um sentido normativo de encontrar critérios objetivos para julgar e responsabilizar individualmente os casos de violência como assédio, difamação e *cyberbullying*.

Outra tentativa de entender essa forma de agressividade nas redes foi desenvolvida pelos pesquisadores Noam Lapido-Lefter e Azy Barak (2012), por meio de um experimento empírico sobre o fenômeno da “desinibição on-line negativa” ou desinibição tóxica, caracterizada por situações de *flaming* on-line ou de comportamentos de *acting-out* em ações que envolvem situações de estresse com prejuízo para si e para os outros. O experimento reuniu 142 pessoas, 70 homens 70 mulheres, de uma instituição acadêmica israelense, entre 18–34 anos de idade. Aos participantes eram apresentados dilemas para ser debatidos em *chats* virtuais. Os debates eram realizados em duplas definidas aleatoriamente, mantendo a proporcionalidade de homem e mulher. Um dos temas sugeridos exigia que pessoas debatesses on-line para decidir

quem iria ficar com o último frasco de um remédio que ambos precisavam. As condições experimentais eram alteradas conforme as seguintes variáveis: I) anonimato: usar ou não identificações como nome, identidade, idade, e outras especificações; II) visibilidade: uso de câmera ou não; III) contato visual: uso de uma segunda câmera na altura dos olhos. As manifestações eram monitoradas a partir de três medidas de *flames*: julgamento de experts, análise dos textos e depoimentos. A análise de textos digitados on-line levou em conta as palavras hostis, expressões, sarcasmos, uso de símbolos e tipo de letras e pontuações. Os depoimentos foram colhidos por um questionário de 34 perguntas, em escala *Likert* (0-5 graus de concordo a discordo).

Outro experimento empírico foi desenvolvido por Mei Alonzo e Milam Aiken (2002) com estudantes de graduação e pós do *Management Information System*, colégio no Arizona. Foram divididos aleatoriamente em 20 grupos de oito pessoas. Tema dos debates on-line: como resolver um problema relacionado ao estacionamento do *campus*. Grupos de debate simultâneos e anônimos de 15 minutos. Depois, preenchiam um questionário

ancorado na escala *Likert* (1– desacordo; 5 – acordo) sobre: confiança no anonimato das resposta; nível da controvérsia: interessante, apropriada, desapropriada; sensação, ansiedade, criatividade, assertividade; motivos. Os resultados levaram os autores a concluir que “indivíduos que experienciam situações de estresse ou ansiedade precisam *flamejar* para escapar e relaxar”. Para os pesquisadores, a *ansiedade* estaria na base dos *flames* como forma de relaxar e como válvula de escape. A quantidade de *flames* indicaria o grau de estresse e sofrimento individual gerado no trabalho. Na base dessa teoria está uma “teoria da gratificação” que parte de uma concepção de natureza humana competitiva e da necessidade inata de poder ou desejo de sucesso.

O contato com esse material de pesquisas empíricas revelou que o tema da agressividade digital/on-line não é novo – as pesquisas começaram nos anos 90 – e que ele é efetivamente reconhecido como um problema. Mas também despertou sentimentos ambíguos em relação a como pensar criticamente esse problema. Primeiro, sugere que estamos lidando com análise de elementos físico-químicos isolados num laboratório e não com seres humanos, não com fenômenos sociais. Parecem, portanto, descontextualizados e algo está ausente, apagado, velado na própria forma explicativa e demonstrativa. Segundo, a racionalização do problema por meio da capacidade ordenadora e classificadora dos dados na própria metodologia. Os dados reduzem o conceito de verdade à sua dimensão quantitativa, o que se sobrepõe à verdade como valor qualitativo. Mas um detalhe chama especialmente a atenção: o modelo de experimento realizado. Pessoas são colocadas atrás de um computador para disputarem um remédio que ambas necessitam. Nesse detalhe, algo do mundo se revela, e nós lembramos das pessoas que estão neste momento, por causa de uma engenharia social de produção de desigualdade e de violência, passando por uma necessidade parecida, mesmo sabendo que temos remédio e conhecimento suficiente para que essa necessidade seja suprida. Nesse detalhe, a meto-

dologia faz o pacto com o mundo do qual ela participa e reproduz. Nas necessidades mesmas do laboratório de pesquisa, nos conceitos mesmos com os quais ela opera. “Em virtude de sua metodologia, esse empirismo é ideológico” (MARCUSE, 2015, p. 29).

O trabalho sobre essa bibliografia específica permite reconhecer que existem situações extremas na comunicação digital que produzem sofrimento e que, portanto, devem ser levadas a sério. Esta parece, sim, uma face importante dessas pesquisas: a responsabilização por ações que prejudicam outras pessoas. Mas está ausente desse empirismo a pergunta a respeito das condições que produzem esse tipo de comunicação e que não podem ser respondidas por meio de uma verificação de dados. Deixam, assim, a falsa impressão de que são casos isolados e passíveis de solução por meio da responsabilização individual pelos atos.

Se, por um lado, a tabela do cubo interacional permite identificar casos de assédio, por outro não parece capaz de contextualizar a produção do preconceito e do racismo como elemento estrutural de certas formas de vida social, de modo que nem sempre podemos tomar os julgamentos e valores dos sujeitos como um fato dado, de modo abstrato, como essa tabela propõe. Por exemplo, tomemos o terceiro caso nessa tabela, em que dois agentes (o *sender* e o observador) não reconhecem a situação de agressividade, mas o *receiver* sim, sente-se agredido. Na metodologia proposta, o último não teria entendido adequadamente a mensagem. Mas pergunto: será que esses dois agentes não estariam compartilhando valores que ferem a integridade e a dignidade do terceiro sujeito agredido? A escravidão foi aceita, defendida e instituída como política econômica em outras épocas. Será que uma agressão sentida não teria condições de colocar em questão a própria norma instituída de modo a revelar, na própria norma, a gênese dos preconceitos? Por isso, a tabela corre o risco de isolar os casos e impedir de entender como as violências se permeiam nos valores e normas to-

madadas como dadas coletivamente. Sociedades são agressivas em seus valores e normas constituídas. A metodologia científica utilizada parece não ser capaz de realizar o movimento crítico de fornecer elementos para uma crítica social mais ampla, na medida em que toma a situação como dada e propõe apenas gerenciá-la. Na proporção em que transforma a noção de verdade em verificação e operacionalidade.

No mesmo sentido, os dois experimentos apresentados possuem uma concepção naturalizada de sociedade. Os experimentos humanos são sim capazes de mapear uma amostra da realidade, produzindo um resultado “verdadeiro” como verdade, que descreve o estado atual das coisas. Nesse sentido, elas são válidas. A metodologia mimetiza a realidade reificada e aí reside seu conteúdo de verdade. Porém, de uma perspectiva crítica, a metodologia precisa ser capaz de, ao voltar o espelho do mundo sobre nós mesmos, nos impulsionar a pensar a gênese dos fenômenos e as possibilidades bloqueadas de uma experiência de vida em redes não reificadas.

As pesquisas empíricas correm o risco de fetichizar os fatos apresentados se tomados como coisas dadas, como fato real e exemplar, descontextualizando a sua gênese social e cultural. Ao mesmo tempo, elas são interessantes porque, nessa atividade descritiva, reconhecem certas experiências como situações de violência.

A ciência está ameaçada pelos seus próprios progressos, ameaçada por seu avanço como instrumento de um poder livre de valores, em vez de um instrumento de conhecimento e verdade. A ciência, como todo pensamento crítico, tem sua origem no esforço de proteger e melhorar a vida humana em sua luta com a natureza; o *telos* interno da ciência não é nada mais que a proteção e o melhoramento da existência humana. Essa tem sido a razão de ser da ciência, e seu abandono é

equivalente à ruptura entre a ciência e a razão. A ciência pode de fato continuar a crescer, em um sentido limitado, como uma técnica, mas perderá sua própria *raison d'être* (MARCUSE, 2009).

Uma metodologia crítica sobre a agressividade nas redes sociais não pode se limitar a pesquisas empíricas, mas precisa assumir também formas novas de crítica da ideologia. Mais do que isso, precisa agir, pelo pensamento e pela prática, realizando o movimento de desnaturalização das formas de violência, ao mesmo tempo que criação de alternativas, contar a história das tecnologias livres, da luta por outras formas de tecnologia ancoradas em outros projetos políticos (não apenas outros usos). Uma dimensão básica da teoria crítica da tecnologia (o termo foi usado pela primeira vez com Andrew Feenberg [2013]) é trabalhar dentro da ambiguidade própria aos instrumentos técnicos: ambiguidade entre seu uso destrutivo e construtivo. Sem apaziguar nenhuma das dimensões. Trabalhar dentro da contradição expressa em cada aparato técnico, fazendo dessa contradição o ponto de apoio para uma análise das formas de dominação e do cerceamento da liberdade, da paz, da democracia e da igualdade. Pensamos que o texto de Chamayou consegue avançar nessa perspectiva. Os laços entre a genealogia do drone e a tentativa de entender as redes sociais passa pelo desafio de lidar criticamente com a racionalidade tecnológica em suas formas culturais contemporâneas. Esse desafio exigirá da teoria crítica revisões e desdobramentos: o fato de que, para a subjetividade contemporânea, para o *homem* unidimensional, a verdade não tem mais conteúdos transcendentais (estamos na era da pós-verdade, como se diz) onde a ideia de vida boa pode conviver tranquilamente com a de vida má, em que a diferença entre guerra e paz não faz mais sentido. Essa capacidade de compartimentar, de cindir psicologicamente tem implicações éticas e políticas profundas.

CIBORGUES DESEJAM LIBERDADE

Esse é o ponto de partida de Donna Haraway em *O Manifesto Ciborgue* (2009), escrito entre 1985 e 1989: a pergunta pelas condições de emancipação e do fazer político num contexto em que “as contradições não se resolvem – ainda que dialeticamente – em totalidade mais amplas”, de onde deriva para ela a necessidade de assumir uma posição crítica capaz de “manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras” (HARAWAY, 2009, p. 35). A imagem que está no centro de suas reflexões, neste momento, é o ciborgue. Sendo esse um dos primeiros textos dessa filósofa da biologia, professora do Departamento de História da Consciência da Universidade de Santa Cruz, na Califórnia, e importante referência dos estudos em epistemologia feministas, o trabalho de Haraway irá se desdobrar em outras imagens como o coioote, o cachorro, os zumbis, todas elas trazendo à tona os impasses dos pressupostos epistemológicos, metafísicos e políticos das ciências modernas, como a distinção entre natureza e cultura, orgânico e inorgânico, virtual e atual. No *Manifesto*, Haraway chama a teoria crítica marxista, a psicanálise e o feminismo para uma revisão profunda das bases conceituais que permita encontrar melhores instrumentos para a luta política no século XXI. Ela cita especialmente Marcuse, a quem valoriza o trabalho crítico das sociedades industriais avançadas, mas com a ressalva de que ele não radicalizou na problematização do conceito mesmo de natureza e de corpo orgânico: “uma mudança ligeiramente perversa de perspectiva [poderia] nos capacitar, de uma forma melhor, para a luta por outros significados, bem como para outras formas de poder e prazer nas sociedades tecnologicamente mediadas” (HARAWAY, 2009, p. 45).

A imagem do ciborgue é especialmente interessante para este nosso ensaio. O ciborgue é um organismo cibernético em que uma parte artificial é acoplada a um corpo orgânico. Mas, mais do que uma técnica específica de interferência na natureza, para ela seríamos já todos ciborgues, uma vez que nossas formas

de vida estão acopladas e dependentes de máquinas e conexões. Assumir-se como ciborgue seria o primeiro passo para o reconhecimento de mudanças profundas no contexto tecnológico e político contemporâneo. Para isso, seria preciso aprender a lidar criticamente com a ambiguidade fundamental que o ciborgue traz à tona: quando foi criado pela primeira vez, na década de 1950-60, os primeiros ciborgues despertaram a imaginação científica no sentido da produção de narrativas emancipatórias sobre outra relação com a natureza, que foi muito mobilizada pela ficção científica feminista. No curso do desenvolvimento do projeto tecnológico, essas imagens de liberdade foram superadas pela produção e uso estritamente militar e comercial do ciborgue. Na indústria cultural, o ciborgue é representado pela figura do Exterminador do Futuro, segundo ela, essa “imagem sagrada do mesmo” (HARAWAY, 1995, p. xiv-xv) que representa o ciborgue como o ser autossuficiente, autogenerativo, um tema ciborgue rentável que precisa ser confrontado com aquelas outras imagens esquecidas do ciborgue.

Essa ambiguidade que o ciborgue traz entre ser um questionamento potente das distinções entre natureza e cultura tradicionais ao pensamento ocidental e à ciência moderna (e portanto, útil ao feminismo e ao socialismo) e ser uma tecnologia eficaz de uma nova biopolítica em que a informática e a tecnologia digital estão no centro de novas formas de controle é, para Haraway, o ponto de partida fundamental. Em seu manifesto, ela defende que o debate político deve assumir uma nova postura frente às ciências, que evitem, de um lado, a criação de teorias totalizantes e, de outro, que assumam a responsabilidade das relações sociais da ciência e da tecnologia, recusando toda metafísica anticência. E se a nova biopolítica age a partir das tecnologias digitais herdeiras da cibernética, a luta emancipatória precisa ela mesma ser capaz de absorver e perverter o conteúdo real e simbólico que marcam este novo tempo. O trabalho de Haraway produz um híbrido estranho entre metáforas e ficções, ciências e

epistemologias, tecnologias, políticas e movimentos sociais. De dentro do feminismo, Haraway indica que desde que se revelou, com Simone de Beauvoir, que *não se nasce mulher, torna-se mulher*, o debate de gênero abandonou a biologia em prol da cultura, deixando esse território livre para cientistas eticamente viesados. Estaria na hora, segundo ela, de o feminismo, e também o marxismo, assumirem a biologia como campo de luta política.

A imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de sair do labirinto dos dualismo por meio do quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos a nós mesmas. Trata-se do sonho não de uma linguagem comum, mas de uma poderosa e herética heteroglossia. Trata-se da imaginação de uma feminista falando várias línguas para incutir medo nos circuitos supersalvadores de direita. Significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, relações, narrativas espaciais. Embora estejam envolvidas, ambas, numa espiral, prefiro ser ciborgue a ser uma deusa (HARAWAY, 2009, p. 99).

Numa inversão potente e de profundas consequências para as epistemologias das ciências modernas, Donna Haraway propõe que o mais ciborgue dos ciborgues é, não o ser supertecnológico ampliado conectado a máquinas, mas, ao contrário, o pequeno e delicado microrganismo chamado de *Mixotricha Paradoxa*, uma célula procarionte que vive no interior do intestino dos cupins e que é responsável por quebrar as moléculas de celulose (HARAWAY, 1995). As descobertas de Lynn Margullis, em 1994, mostraram que era absolutamente impossível definir o que é a *Mixotricha* sem levar em conta a simbiose necessária com outra bactéria acoplada ao seu corpo e que aparecia apenas como filamentos. O debate que se abre nesse campo da biologia favorece a um questionamento ético e político:

onde começa e onde termina este ser unicelular? A *mixotricha paradoxa*, esse ser de pequenos filamentos, “zomba de nossa noção de limite, de defesa, e self singular”, permitindo-nos repensar a teoria do sujeito com a qual nos habituamos, abrindo a uma ideia de individualidade paradoxal, de recombinação genética como associação heterogênea em diversos níveis de integração capaz de nos inspirar aos desafios da política do século XXI. O sistema de simbiose que constitui a *mixotricha*, não como ser independente, mas como totalidade diferenciada, mostra que a vida se constitui como uma simbiogênese, como uma coevolução. Nesse sentido, essa recriação a contrapelo da história da ciência moderna permite a criação de metáforas biológicas capazes de colocar questões sociais e étnicas e culturais decisivas.

Essa pequena digressão sobre o campo da biologia tem como objetivo abrir a imaginação científica para outro modelo de ciência e de tecnologia, aquele que assume o conceito material de liberdade a partir da análise crítica das condições de opressão vigente e dos modos pelos quais a ciência corrobora certas práticas opressivas. O desafio da reflexão sobre redes e drones, me parece, é lembrar, imaginando, experiências de liberdade para além daquelas bloqueadas por um uso específico dessas tecnologias, desnaturalizando-as. O poder age onde a liberdade transparece. Precisamos revolver a noção de rede como negação dessa experiência alienada. Que experiências de liberdade estão contidas, bloqueadas, nas tecnologias de rede e drones?

Fecho os olhos e busco uma lembrança. Um drone passeia sobre a superfície terrestre e eleva meus olhos a uma altura inimaginada. O espaço que vejo é de uma beleza estonteante. Vejo os rios e as matas, as casas e as pessoas, na superfície convexa da Terra. A Terra surge como uma grande habitação compartilhada. Aparece-me agora, com esta *visão-drone* liberada, como uma casa em que coabito com tantos outros seres. Desperta-me uma dimensão de cuidado por este mundo compartilhado. Uma experiência estética,

talvez, se produza, abrindo a possibilidade de uma nova sensibilidade ao esgarçar a noção de localidade que nos habituamos e, em sentido profundo, a minha própria identidade. Um olho ampliado afetivo percorre a superfície aveludada do mundo onde coexisto

com todos os seres, árvores, animais, humanos... essa distinção mesma vai se ofuscando, porque uma grande rede de vida se abre sob esse olho ampliado. “Por que os nossos corpos devem terminar na pele?” (HARAWAY, 2009, p. 92).

REFERÊNCIAS

ALONZO, M.; AIKEN, M. “Flaming in Electronic Communication.” In: **Review of School of Business University**, University of Mississippi, 2002. www.elsevier.com/locate/dsw

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. “Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação.” In: **Revista Psicologia e Sociedade**, v. 20 n. 1. Porto Alegre, jan./abr. 2008.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 114-119 (Obras escolhidas; v. 1).

_____. **Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 71-142 (Obras escolhidas; v. 2).

CANEVACCI, M. **Fetichismo Visuais: corpos erópticos na metrópole comunicacional**. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.

CHAMAYOU, G. **Teoria do Drone**. Cosac Naify: São Paulo, 2015.

FENBERG, A.; NEDER, R. (Org.). **A Teoria Crítica de Andrew Feenberg: racionalização, democracia, poder e tecnologia**. Brasília: Observatório de Movimento pela Tecnologia Social na América Latina. / CDS/ UnB/ Capes, 2010 (1. ed.), 2013 (2. ed.).

FREUD, S. **Escritos sobre a Psicologia do inconsciente**, v. 3 (1923-1938). Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. **O Mal-Estar na Cultura**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

HARAWAY, D. “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX.” In: HARAWAY, Donna, KUNZRU, Hari, TADEU, Tomaz (Org. e Trad.), **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. “Cyborgs and Symbionts: living together in the new world order.” In: GRAY, C. H.; MENTOR, S.; FIGUEROA-SARRIERA, H. J. **The Cyborg Handbook**. Routledge: New York, 1995, p. xi-xx.

JAQUES, A. A. B. “As neuroses de guerra e traumáticas: respostas do sujeito à barbárie.” In: **Trivium**, v. 4, n. 1, p. 10-24, 2012.

LAPIDOT-LEFLER, N.; BARAK, A. “Effects of anonymity, invisibility, and lack of eye-contact on toxic online disinhibition.” In: **Computers in Human Behavior**, n. 28. University of Haifa, Mount Carmel. Haifa-Israel, p. 434-443, 2002. www.elsevier.com/locate/comphumbeh

LEOPOLDO, R. “Good kill: Guerra pós-heroica e psicopatologia do drone.” In: **Sapere Audi (Dossiê: Filosofia da Linguagem e Semiótica)**, v. 7, n. 14. PUC: Minas Gerais, 2016, p. 827-844.

MARCUSE, H. **O Homem Unidimensional: estudos sobre a ideologia da sociedade industrial avançada**. São Paulo: EDIPRO, 2015.

_____. “A responsabilidade da ciência.” In: **Revista Scientiae Studia**, v. 7, n. 1. São Paulo, 2009.

_____. **Eros e Civilização**: uma interpretação filosófica de Freud. Rio de Janeiro: Ed. ZAHAR, 1999a.

_____. “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna.” In: MARCUSE, H. **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999b.

O’SULLIVAN, P. B.; FLANAGIN, A. J. “Reconceptualizing ‘flaming’ and other problematic messages.” In: **New Media & Society**, v. 5 (1). London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, 2003, p. 69-94.

SHAHZAD, M.; GILANI, U. “Fogo do céu azul.” In: **SUR-22 (Dossiê SUR Sobre Armas e Direitos Humanos)**, v. 12, n. 22, 2015, p. 131-139.

DADOS DA AUTORA

MARILIA MELLO PISANI

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Professora adjunta da Universidade Federal do ABC. São Bernardo do Campo/SP - Brasil marilia.pisani@ufabc.edu.br

Submetido em: 11-4-2017

Aceito em: 20702017